

Os Houthis no cenário político do Oriente Médio

The Houthis group in the political scene of the Middle East

Amina Welten Guerra¹, Anna Raquel Nicolai Barra²,
Fernanda Gama Peixoto³

Resumo

Os Houthis têm tomado os noticiários mundiais a partir das repercussões do ataque do Hamas a Israel em outubro de 2023. Quem são os Houthis? Qual é o seu papel dentro do ‘Eixo da Resistência’ no Oriente Médio? Suas ações respondem a interesses próprios ou de outras potências? No intuito de compreender como e por que esta milícia assume destaque no cenário político do Oriente Médio é que este artigo foi redigido. Assim, parte-se de sua origem e dos principais momentos que representaram uma oportunidade de ascensão para o grupo em nível doméstico, no Iêmen, para concernir de que modo suas ações alcançaram dimensões regionais e internacionais não irrelevantes. Para a estruturação do texto foram colacionadas uma série de reportagens de diferentes meios de comunicação nacional e internacional, as quais foram selecionadas e relacionadas às principais teorias da disciplina de Segurança Internacional tais como a teoria de Clausewitz dentro da ‘teoria da guerra’ e a teoria de Mahan a respeito da importância do poder marítimo. Estas teorias trouxeram um aporte acadêmico aprofundado e crítico sobre a *performance* do grupo no Oriente Médio. A metodologia descritiva valeu-se, portanto, de dados secundários e doutrinários para a sua elaboração.

Palavras-chave: Houthis; Guerra por procuração; Oriente Médio; Poder marítimo; Eixo da Resistência.

Abstract

The Houthis have taken over the world’s news following the repercussions of the Hamas attack on Israel in October 2023. Who are the Houthis? What is their role within the ‘Axis of Resistance’ in the Middle East? Do their actions respond to their own interests or those of other powers? In order to understand how and why this militia assumes prominence in the political scene of the Middle East, this article was written. Thus, it starts from the origin of the group and the main moments that represented an opportunity for the group to rise at a domestic level, in Yemen, to consider how its actions reached regional and international dimensions that are not irrelevant. To structure the text, a series of reports from different national and international media outlets were selected and within the aim of proposing a reflection on the main theories of international relations, it were related to the

¹ Doutora *cum laude* em Direito Internacional pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Professora Substituta de Direito Internacional na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Professora de Direito Internacional e Segurança e Defesa Internacional do Ibmecc, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *E-mail:* aminaguerra@gmail.com

² Graduanda em Relações Internacionais no Ibmecc, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *E-mail:* annaraquel.barra@gmail.com

³ Graduanda em Relações Internacionais no Ibmecc, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Intercambista no curso de Business e Marketing na Burgundy School of Business, Lyon, França. *E-mail:* fernandagamapeixoto@outlook.com

group's actions, classic theories of the International Security discipline such as Clausewitz's aspects of his 'theory of war' and Mahan's theory of the importance of the maritime power. These theories bring an academic contribution regarding the group's performance in the Middle East. The descriptive methodology therefore used secondary and doctrinal data for its preparation.

Keywords: Houthis; Proxy war; Middle East; Maritime power; Axis of Resistance.

Desenvolvimento

Os Houthis, também conhecidos como 'apoia-dores de Deus' (Ansar Allah), originaram-se de um grupo tribal no Iêmen, nos anos 1990, liderado por Hussein Al-Houthi, com o objetivo de resistir à crescente influência do sunismo radical, em especial das ideias wahhabitas – visão mais estrita e conservadora – promovida pela Arábia Saudita. Com o passar do tempo, seus seguidores ficaram conhecidos como os Houthis (CNN, 2024).

Em 2004, o fundador do movimento Al-Houthi foi morto pelas forças governamentais iemenitas, porém a ala militar do grupo continuou a crescer, atraindo combatentes que se uniram em torno da causa de marginalização zaidita e da oposição ao governo central do país (Edwards, 2023).

Foi a Primavera Árabe, em 2010, que representou um momento decisivo para os Houthis que passaram de um grupo marginalizado para uma peça-chave no cenário político e militar do Iêmen. Em um panorama geral, a essência da Primavera Árabe no Iêmen foi semelhante à de seus vizinhos: a esperança de experimentar mais democracia e melhores condições de vida para a população (Simões, 2021). Os protestos de 2011 conseguiram depor o governo autoritário de Ali Abdullah Saleh no Iêmen que passa a ser comandado pelo seu vice-presidente Abd-Rabbu Mansour Hadi. Porém, Hadi enfrentou uma série de problemas políticos, econômicos, e também relacionados à segurança, principalmente quanto à insurgência dos Houthis e de outras forças opositoras (5 Pontos [...], 2018).

Em 2014, os Houthis, aproveitando-se da instabilidade e da insatisfação popular que ainda permaneciam, tomaram a capital do país, Sanaa, com o apoio de muitos iemenitas que estavam desiludidos com essa transição de poder (5 Pontos [...], 2018).

Um dos motes do grupo era que o novo presidente, um muçulmano sunita, estava marginalizando os zaiditas e o acusaram de estar alinhado com os Estados Unidos e, por sua vez, com Israel (Knipp, 2024). O presidente Hadi, em uma situação de vulnerabilidade, deixou o Iêmen, o que levou a um enfraquecimento do governo e à criação de um vácuo de poder (5 Pontos [...], 2018).

Nesse cenário, com a uma ascensão cada vez maior de poder dos Houthis, a Arábia Saudita iniciou uma mobilização militar, temendo que o Iêmen se tornasse um país satélite do seu rival geopolítico, o Irã. Em 2015 os sauditas lideraram uma coalizão de países em uma campanha destinada a subverter a ordem dos Houthis e a reestabelecer o governo de Hadi, sendo este o governo reconhecido, também, internacionalmente. Essa intervenção recebeu apoio logístico e de inteligência de potências ocidentais, principalmente dos Estados Unidos, Reino Unido e França (Yemen, 2023b).

Em agosto de 2015, a coalizão da Arábia Saudita se mobiliza na cidade portuária de Aden, expulsando os Houthis da região sul do Iêmen, porém o grupo ainda manteve forte controle nas demais regiões do país, assim como na capital (Yemen, 2023). Neste ínterim, os Houthis já haviam iniciado uma aliança militar e estratégica com o ex-presidente, Ali Abdullah Saleh, que, em 2017, ao tentar se aliar aos sauditas, seria executado pelo grupo o qual se consolidaria ainda mais no domínio das regiões em que já estavam presentes (Yemen, 2023).

Atualmente, os Houthis projetam influência no Oriente Médio, ocupando cada vez mais uma posição simbólica de destaque no denominado "Eixo da Resistência" (Knipp, 2024).

O 'Eixo da Resistência' é uma aliança regional constituída por grupos que compartilham de

ideologias comuns como a oposição à influência ocidental no Oriente Médio e a rejeição a Israel. (Knipp, 2024). Os membros do “Eixo da Resistência” consistem no Irã, como líder, no Hezbollah, e no Hamas, que atua em Gaza e na Palestina, para além de vários outros grupos iraquianos e sírios. Os Houthis se juntaram ao Eixo em 2015 ao lutarem contra uma coalizão apoiada pela Arábia Saudita (Bulos, 2024). O principal objetivo do Eixo é o de se opor ao que é caracterizado como imperialismo no Oriente Médio (Cheaito, 2024). O autor destaca que:

[...] sua origem data de 2003, quando o Iraque foi invadido pelos EUA, no contexto da Guerra ao Terror, e teve como fundador o comandante iraniano Qassem Soleimani, da Força Quds, unidade de elite do grupo paramilitar Guarda Revolucionária. Soleimani visava construir uma rede com aliados regionais e, desde o início, defendeu que cada parte fosse autossuficiente (El Husseini *apud* Cheaito, 2024).

O aspecto religioso do grupo ganha destaque, uma vez que esse elemento tem papel relevante na interpretação de suas ações. Os Houthis compõem a categoria dos xiitas zaiditas que, embora se difiram em alguns pontos do xiitismo tradicional, compartilham com este crenças comuns, bem como uma oposição às potências sunitas, como a Arábia Saudita.

Assim, o fato de os Houthis serem xiitas estabelece uma conexão ideológica e estratégica com o Irã que se posiciona como representante dos interesses dessa vertente religiosa na região (Knipp, 2024). Desta forma, os Houthis adotam uma ordem religiosa fundamentalista islâmica com uma ideologia antiocidental e anti-israelense, caracterizada fortemente pelo antissemitismo.

A presença destes atores não estatais na figura de milícias que atuam com maior ou menor intensidade em diferentes Estados pelo mundo tem relevado aspectos de defesa e segurança internacional por vezes modificando os contornos da ação estatal e internacional no confronto ou mesmo no apoio a estes grupos. Tecnicamente, uma milícia

seria uma força armada, que detém certo controle de uma população e de um território, de modo paralelo ao Estado.

De acordo com Max Weber (1999), o próprio conceito de Estado já implica que este detém o monopólio da força. Para ser caracterizado como Estado, a entidade necessita, dentro de suas fronteiras e do seu território delimitado, deter o monopólio do uso da força. A sociedade humana atribuiu a esta instituição o direito de exercer coação física legítima, e o êxito em exercer essa coação é o que promove a manutenção da sua existência (Weber, 1999, p. 525). O conceito de Weber sobre o monopólio legítimo da violência ajuda a entender a atuação das milícias e como o surgimento e fortalecimento desses grupos paralelos acabam ameaçando a existência do próprio Estado.

Mary Kaldor (2012) caracteriza as milícias como parte do que ela denomina como “novas guerras”, em que grupos paramilitares e privados substituem exércitos regulares e acabam tendo um papel muito presente e de grande influência na política local.

Segundo Kaldor, o objetivo central da guerra revolucionária é o controle do território por meio do apoio da população local, ao invés de capturar territórios das forças inimigas. Dessa forma, as zonas de controle das milícias e dos grupos revolucionários geralmente ficam em partes do país que não podem ser facilmente alcançadas pela administração central. As atividades militares desses grupos são descentralizadas e dispersas, com retiradas estratégicas, ou seja, alta capacidade de fugir. Por fim, uma forte característica das milícias é a dependência do medo contínuo, do sentimento de ódio em relação ao outro e da insegurança, por isso existem altos níveis de violência, atrocidades, crimes e aprofundamento da fragmentação (Kaldor, 2012, p. 102).

Estas milícias que integram este Eixo da Resistência, portanto, conseguem uma projeção por meio do Irã, como líder, tanto no Oriente Médio quanto em um contexto mundial, conseguindo fazer frente aos seus principais alvos, como os Estados Unidos e Israel.

Uma das razões da aliança possuir grande potencial de atuação é o seu caráter não convencional. A coalisão utiliza de estratégias diferentes com reflexos multiníveis, muito distintas daquelas utilizadas em guerras regulares e convencionais. O Irã se mantém em constante tensão com os Estados Unidos e Israel, porém, não por meio de um conflito direto, mas de forma indireta com efeitos prolongados no tempo (Burke, 2024).

Esta abordagem indireta pode oferecer vantagens aos opositores em um cenário global ao representar um modo de oposição que limita os custos militares e políticos em relação a uma abordagem direta. Em outras palavras, as estratégias da manutenção do conflito por parte do Eixo da Resistência se provou ser uma ferramenta para além de útil para Teerã, e, também, mais baixa em custos (Burke, 2024).

Estes atores irregulares, representados pelas milícias do Eixo, conseguem atuar sobre uma veste própria, mas também como uma espécie de ‘delegados’, em uma ‘guerra por procuração’, as chamadas *proxy wars*.

O dicionário de Cambridge⁴, define a *Proxy War* ([2024]) como “Uma guerra entre grupos ou países menores que representam o interesse de potências maiores, e podem ter o apoio e a ajuda dessas potências” (tradução própria).

Essa modalidade de guerra é uma abordagem utilizada pelo Irã como líder do regime, que por meio de confrontos por procuração busca atingir indiretamente seus alvos (Cohen, 2024).

Outra tática explorada pelo grupo, frequentemente utilizada por atores irregulares, é a de prolongar o efeito dos ataques no tempo, fazendo com que não exista vitória contra o grupo irregular, pois a ideologia sobre a qual se assentam se perpetua no tempo. “Os EUA não podem dismantelar facilmente o eixo nem derrotar as ideias que o geraram” (Cohen, 2024)

Os Estados Unidos e Israel não conseguem lutar contra um fato determinado, não havendo

assim que se falar em vitória, pois estão lutando contra uma causa, uma ideia. Dessa forma, mesmo que líderes sejam assassinados, a ideologia permanece viva. Um exemplo disso é que, mesmo após a morte de Qassem Soleimani, principal arquiteto do Eixo da Resistência, a coalizão sobreviveu e se fortalece cada vez mais (Cohen, 2024).

Ao se analisar o Oriente Médio, nota-se a grande presença destes atores irregulares que perseguem uma série de objetivos próprios, mas também objetivos de outras potências, nestas chamadas *proxy wars*. Cheaito (2024) destaca como: “O 7 de outubro representou um importante marco ao simbolizar a primeira vez que uma coligação composta majoritariamente por atores não estatais se envolveu diretamente em um conflito em apoio a outro ator não estatal: o Hamas”.

Em 7 de outubro de 2023, o bloco demonstrou sua capacidade de ação no Oriente Médio e aumentou seu destaque no cenário global. O Hamas, como grupo de resistência a Israel, liderou uma invasão e atacou o território sul de Israel. Em resposta imediata, Israel declara guerra contra o Hamas, realizando ataques na região de Gaza (Blanchard *et al.*, 2023).

A partir desse evento, é possível reavaliar o papel do Eixo da Resistência na região e como se deu sua atuação em que pese as divergências entre seus membros. A coesão e existência do Eixo como uma unidade, só é possível devido à sua base ideológica coletiva, isto é, a ideologia de resistência a um inimigo em comum: Estados Unidos e Israel. Ademais, a existência de um aliado em comum, o Irã (líder da coalizão) permite certa estruturação do grupo, apesar dos diferentes objetivos específicos, das técnicas e das estratégias particulares dos seus membros (Cheaito, 2024).

Em reportagem ao jornal israelense *Haaretz*, o analista ZVI Bar'el, em Cohen (2024), comenta o fato de que o Irã fornece a todos os seus aliados armas e treinamento, mas como, evidentemente, estes recursos não são utilizados apenas contra o

⁴ *A war fought between groups or smaller countries that each represent the interests of other larger powers, and may have help and support from these.*

objetivo comum do grupo, mas também na promoção dos interesses individuais de cada uma dessas milícias, ainda que divirjam, em certa medida, dos interesses do próprio Irã (ZVI Bar'el *apud* Cohen, 2024).

Um outro reflexo desta atuação dos Houthis, é que, o Irã, ao fortalecê-los, tem direcionado seus interesses ao Iêmen. O modo de operar do Irã consiste em intervir em contextos nacionais de instabilidade e que contenham a presença de atores insatisfeitos com o *status quo*.

Nestes Estados, nos quais a autoridade central é débil, o Irã se aproveita da instabilidade gerada para formar parcerias com os grupos de oposição à autoridade central. Normalmente, a autoridade central desses países é composta por regimes que possuem o apoio dos Estados Unidos ou de seus aliados regionais, e justamente por serem contra a intervenção do Ocidente no seu país que os grupos de oposição conseguem se alinhar (Juneau, 2016, p. 648-650).

É este o caso dos Houthis, o qual vem se discutindo. O grupo, percebendo sua marginalização e opressão, buscou atrair o apoio do Irã para se fortalecer. Por meio deste apoio a atores não estatais, o Irã consegue, além de projetar sua influência, confrontar seus rivais: Israel, Arábia Saudita e os Estados Unidos. O fortalecimento dos Houthis permite que o Irã atue a favor de seus objetivos, mas a baixos custos. Para os Houthis esse apoio também é benevolente, uma vez que para sobreviver aos ataques externos, sendo um grupo relativamente pequeno e não estatal e, portanto, com uma maior dificuldade de acesso a equipamentos de ponta e armamento, necessitam do financiamento oferecido pelo Irã (Juneau, 2016, p. 655-662).

O fator que aproxima o Irã dos Houthis é o sentimento anti-*status quo*, e não necessariamente a fé xiita, mesmo que esta ainda contribua para uma conexão ideológica. O Hamas possui uma fé sunita, e recebe o apoio do Irã da mesma forma, devido à sua frente de oposição a Israel nos

territórios ocupados pela Palestina (Juneau, 2016, p. 648-650).

A partir dos acontecimentos de 7 de outubro de 2023 em Israel e o início do conflito israelo-palestino, os Houthis vieram assumindo uma posição de maior destaque no Eixo da Resistência, demonstrando crescente capacidade militar e prontidão para atacar Israel e os Estados Unidos, seja por meio de estratégias convencionais como não convencionais, diretas ou indiretas.

A partir da análise do comportamento do grupo rebelde no embate Israel-Gaza, é possível entender o papel dos Houthis no favorecimento de uma escalada regional e generalizada do conflito no Oriente Médio. De acordo com Faozi Al-Goidi e Omar H. Rahman (2024), pesquisador visitante júnior no Middle East Council on Global Affairs, existe possibilidade do conflito se expandir para regiões como o Mar Vermelho e o Golfo de Áden. Tal expansão se deve também ao envolvimento dos Houthis no conflito, interrompendo o fluxo do comércio marítimo, provocando repercussões econômicas globais significativas (Al-Goidi; Rahman, 2024).

Os Houthis intervieram na guerra Israel-Gaza se posicionando a favor do Hamas e da Palestina. A princípio, anunciando que iriam atacar navios israelenses no Mar Vermelho, e, posteriormente, como uma forma de reivindicar a expansão da ajuda humanitária para Gaza, os rebeldes anunciaram que iriam atacar todos os navios a caminho de portos israelenses (Blanchard, 2024).

Christopher M. Blanchard, especialista em Oriente Médio, em manifestação ao Congressional Research Service (CRS), comenta como por uma década os iranianos têm financiado os Houthis, principalmente em armamentos relacionados ao poder marítimo. Além dos armamentos, o Irã fornece consultoria e informações de direcionamento de alvos. Chistopher afirma que:⁵ “A Guarda Revolucionária Iraniana está presente no Iêmen, atuando lado a lado com os Houthis, oferecendo

⁵ *The Iranian Revolutionary Guard Corps is inside Yemen. And they are serving side by side with the Houthis, advising them and providing targeting information.*

orientação e apoio estratégico” (Blanchard, 2024, tradução própria).

A Agência de Inteligência de Defesa dos EUA tem revelado como que a origem do armamento utilizado nas intercepções das navegações comerciais feitas pelo grupo rebelde do Iêmen é iraniana. (Blanchard, 2024)

Assim, fica evidente como a relação entre o Irã e os Houthis possui elementos de uma guerra não convencional na medida em que um Estado promove ações para fortalecer um poder paralelo insurgente dentro de outro Estado, incentivando o movimento de resistência com a finalidade de alcançar o objetivo de potencializar o grupo paralelo, valendo-se de táticas desde a desobediência civil, como estratégias de guerrilha, até a guerra de fato (Alves; Macedo; Roahny, 2022).

As guerras não convencionais muitas vezes se utilizam destas estratégias indiretas que buscam provocar o caos generalizado e promover ambiguidade e confusão, a ponto de criar um efeito psicológico na população para que estes não consigam distinguir entre o que é lícito e o que é ilícito. Essa promoção de caos, confusão e dubiedade são percebidos nas táticas dos Houthis.

Neste sentido, Blanchard (2024, tradução própria) traz que:⁶ “O apoio iraniano, combinado com a experiência dos Houthis e sua capacidade local, pode permitir que o grupo continue representando riscos duradouros à segurança na região, mesmo após a resolução da crise atual”.

Indubitavelmente, existe uma necessidade intrínseca do grupo de reforçar sua posição pró-Palestina e de oposição às influências ocidentais, principalmente Israel e Estados Unidos (Knipp, 2024). Embora os Houthis não representem uma ameaça militar significativa para Israel, sua capacidade tecnológica tem implicações alarmantes de segurança no Mar Vermelho, afetando não só os israelenses e seus aliados como todo o globo (Edwards, 2023).

Assim, em relação ao tráfego marítimo, considerando-se que o Mar Vermelho é uma das mais importantes rotas internacionais, ligando a Europa à Ásia, os navios que necessitam passar pelo estreito de Bab-el-Mandeb, ao se aproximarem da costa do Iêmen, estão sujeitos aos constantes ataques dos Houthis (Edwards, 2023).

Esses ataques têm forçado as embarcações a fazerem trajetos mais longos, desviando do Mar Vermelho, percorrendo outras rotas na África. Essa logística alternativa eleva os custos de transporte e pressiona a inflação em todo o mundo (Quem [...], 2024).

Prova disso é o fato de que quatro das cinco maiores companhias de movimentação de cargas por via marítima, a saber, a Maersk, a Hapag-Lloyd, a CMA CGM Group e a Evergreen, comunicaram a respeito da suspensão de suas operações no Mar Vermelho devido à ameaça de ataques realizados pelos Houthis. Ademais, a grande petrolífera BP também optou pela mesma decisão, consequentemente, levando ao aumento dos preços de petróleo e de gás. Tais episódios demonstram como que a atuação da milícia tem impactado economicamente todo o mundo (Edwards, 2023).

Existe ainda o receio de que os Houthis passem a não só atacar navios, impondo restrições, como também criem uma espécie de pedágio, limitando de forma significativa os fluxos de petróleo, gás natural e outros bens.

Em relação ao Brasil, já existem exemplos de impacto direto nas operações da Petrobras, tal como o desvio de uma embarcação petroleira conforme noticiado por alguns meios de comunicação (CNN, 2024).

Devido à escalada de tensão, a Organização das Nações Unidas (ONU) adotou uma resolução condenando as ações do grupo no Mar Vermelho, e o Conselho de Segurança da ONU enfatizou, com base no direito internacional, a necessidade de respeito ao trânsito das embarcações (ONU, 2024).

⁶ *Iranian support and Houthi experience and local capacity may enable the group to pose enduring risks to security in the region beyond any resolution of the current crisis.*

Como mencionado, o Ansar Allah possui apoio consultivo e material do Irã, o que engloba treinamento fornecido pela Guarda Revolucionária Islâmica e armamentos militares como mísseis balísticos e *drones*. Ainda que os Houthis dependam fortemente do Irã, eles desenvolveram capacidades militares próprias com o passar do tempo, aprimorando suas redes logísticas para ameaçar a segurança regional (Blanchard, 2024).

A inteligência dos Estados Unidos sugere que o próprio Irã possa estar alarmado com as consequências dos ataques no Mar Vermelho, uma vez que podem comprometer os interesses comerciais de países como Índia e China que figuram entre os aliados mais relevantes de Teerã. (CNN, 2024)

De acordo com os Houthis essa interferência na navegação tem como fim pressionar Israel e seus aliados a cessarem a guerra de Gaza. No entanto, por mais que a causa da Palestina faça parte do ideário do grupo, esses ataques trazem outras vantagens ao seu movimento: o desvio do foco da comunidade internacional sobre a crise humanitária do Iêmen, consolidando apoio tanto no cenário doméstico quanto globalmente ao grupo, uma vez que foi criada uma narrativa de que os Houthis seriam os governantes legítimos do país. Suas operações no Mar Vermelho, segundo o próprio grupo, são conduzidas pelas “Forças Armadas do Iêmen” e visam proteger os palestinos, pensamento que se consolidou entre aqueles que se opõem ao conflito na Faixa de Gaza (CNN, 2024).

O Iêmen é um Estado estratégico geopoliticamente, pois além de possuir jazidas de petróleo em seu território, possui uma localização privilegiada para o comércio internacional. Desde as suas origens, sua proximidade com o Mar Vermelho permitia um certo controle do comércio marítimo para a Ásia: “O Iêmen está situado no canto sudoeste da Península Arábica, fazendo fronteira com Arábia Saudita e Omã. Também fica diante do Mar Vermelho a oeste, e é banhado pelo Golfo de Áden e pelo Mar da Arábia” (Onde [...], 2024).

Alfred Thayer Mahan (1840-1914) contribuiu profundamente para a teoria do poder marítimo, teoria esta que destaca a importância da

estratégia naval para a projeção de poder no cenário global. Mahan afirmava que controlar o mar, controlar certas rotas marítimas, significava controlar o comércio internacional, e controlar o comércio internacional representava uma grande vantagem em relação à projeção de poder no mundo.

O primeiro aspecto a ser destacado da teoria do poder marítimo é a importância da posição geográfica do país. Violante, ao tratar da teoria de Mahan, além de reforçar a relevância dos Estados que possuem grande área costeira e dos Estados insulares, reforça o poder adquirido pelos Estados com uma posição estratégica favorável em relação às rotas comerciais no que diz respeito a seus Estados rivais (Violante, 2015, p. 230).

Tendo em vista a teoria de Mahan, é possível entender a importância da localização estratégica do Iêmen em relação às rotas comerciais mundiais, principalmente as rotas comerciais de petróleo, e a preocupação dos Estados Unidos com o controle da região, ora tomada pelos Houthis, um grupo rebelde de oposição ao Ocidente.

“A rota do Mar Vermelho é considerada uma ‘autoestrada do mar’ que liga o Mediterrâneo ao Oceano Índico e, consequentemente, a Europa à Ásia, e é responsável por 12% do comércio mundial, segundo a Câmara Internacional do Transporte Marítimo (ICS, na sigla em inglês), sediada em Londres” (Mesquita, 2023)

O cálculo estratégico dos Houthis envolve não só a desestabilização regional como também as retaliações ao Ocidente. Com a escalada de ataques no Mar Vermelho que vem prejudicando o comércio e colocando em risco a prestação de ajuda humanitária os ataques passaram a ser considerados como atos de terrorismo, em violação ao Direito Internacional (CNN, 2024).

Os Houthis já haviam sido considerados anteriormente como grupo terrorista pelos Estados Unidos, mas em 2021 foram retirados da lista de “Entidade Terrorista Global Especialmente Designada” como também foram retirados da lista como “Organização Terrorista Estrangeira”, visto que, à época, o argumento era que esta designação poderia limitar a capacidade de assistência humanitária

no Iêmen, em vista da grave crise de direitos humanos na região (CNN, 2024).

Nessa perspectiva, tanto a classificação de Organização Terrorista Estrangeira (FTO, na sigla em inglês) quanto a de Terrorista Global Especialmente Designado (SDGT, na sigla em inglês) acarretam sanções de viés econômico, porém apenas a FTO engloba a proibição de viagens para os integrantes do grupo e a aplicação de sanções contra indivíduos ou entidades que forneçam apoio material ao grupo, conforme as orientações do Departamento de Estado dos EUA (CNN, 2024).

No ano de 2024, os Ansar Allah voltaram a ser designados como grupo Terrorista Global Especialmente Designado (United States, 2024)⁷.

Desde novembro, os Houthis lançaram ataques sem precedentes contra embarcações marítimas internacionais no Mar Vermelho e no Golfo de Áden, bem como forças militares posicionadas na área para defender a segurança e a proteção da navegação comercial. Esses ataques contra a navegação internacional colocaram marinheiros em perigo, interromperam o livre fluxo do comércio e interferiram nos direitos e liberdades de navegação. Essa designação busca promover a responsabilização pelas atividades terroristas do grupo. Se os Houthis cessarem seus ataques no Mar Vermelho e no Golfo de Áden, os Estados Unidos reavaliarão essa designação. (United States, 2024, tradução própria)

Essa classificação é vista como estratégica para pressionar os Houthis, porém minimizando os possíveis impactos adversos sobre a assistência humanitária, tendo como enfoque a milícia e não a população iemenita de acordo com o ministério dos EUA (United States, 2024).

Em uma notificação oficial os EUA reforçaram que iriam garantir que a designação não impactasse no fluxo de ajuda aos civis e na importação de bens pelo país, emitindo licenças no que

tange a transações de alimentos e medicamentos, por exemplo. (United States, 2024)

Refletindo uma avaliação de segurança similar, a Arábia Saudita defende a designação dos Houthis como organização terrorista. O embaixador saudita Abdulaziz Alwasil solicitou ao Conselho de Segurança que fossem tomadas medidas mais rígidas, destacando que o grupo não tem interesse em soluções pacíficas (Saudi Arabia, 2023).

Mesmo com toda a perspectiva de mobilização internacional para intervir nessa questão, outra importante teoria no âmbito da defesa e da segurança internacional pode se demonstrar relevante. A denominada ‘força da vontade do inimigo’, por Clausewitz (1832/2023). De acordo com a Teoria da Guerra de Carl von Clausewitz (1832/2023), o elemento da incerteza sempre vai estar presente em um contexto de guerra. Os adversários podem ter conhecimento da estratégia do inimigo, entretanto a força da sua vontade, “*The Will of the Enemy*”, é extremamente complexa para ser mensurada, e ainda assim sua presença é de suma importância no cálculo racional a respeito dos rumos deste conflito.

Segundo Clausewitz (1832/2023), independentemente da tática utilizada pelos atores em jogo, quando a guerra se inicia o seu resultado é imprevisível. Um dos fatores que contribui para essa falta de clareza é o quanto disposto cada participante está de se dedicar ao conflito. A capacidade da vontade do inimigo é um fator subjetivo, mas com o potencial de levar a vitórias de grupos terroristas, grupos insurgentes ou até mesmo pequenos Estados, contra grandes potências militares pelo mundo.

A teoria citada pode ser relacionada ao que ocorre no grupo rebelde do Iêmen possibilitando-nos uma conclusão do presente estudo.

Os Houthis, apesar de terem como oposição direta grandes potências mundiais como os Estados Unidos e Israel, já completaram duas décadas

⁷ Since November, the Houthis have launched unprecedented attacks on international maritime vessels in the Red Sea and the Gulf of Aden, as well as on military forces positioned in the area to defend the security and safety of commercial navigation. These attacks on international shipping have endangered sailors, disrupted the free flow of commerce, and interfered with navigational rights and freedoms. This designation aims to promote accountability for the group's terrorist activities. If the Houthis cease their attacks in the Red Sea and the Gulf of Aden, the United States will reassess this designation.

de vitórias, e para entender como isso é possível é necessário analisar a mentalidade dos rebeldes. Cathrin Schaer (2024), analista de segurança especializada em Oriente Médio e Iêmen, e Mohammed Albasha, afirmam a respeito dos rebeldes xiitas que “muitos de seus combatentes estão em guerra desde a juventude e têm pouco a perder. Essa mentalidade de ‘e por que não?’ lhes dá uma vantagem estratégica, e eles podem querer ultrapassar limites que outros hesitariam em cruzar” (Schaer, 2024).

Certamente, tal perspectiva adiciona complexidade à gestão racional dos conflitos entre Estados e atores não estatais em uma era de guerras irregulares e guerras por procuração. A disposição dos combatentes e a despreocupação com as possíveis consequências e efeitos de seus atos, leva o grupo Houthis a assumir uma posição de constantes vitórias e protagonismo dentro da conhecida resistência do Oriente Médio.

Tal força da vontade dos integrantes da aliança rebelde é nítida no *slogan* do grupo “Deus é grande, Morte à América, Morte a Israel, Maldição aos Judeus, Vitória ao Islão.” (Nações Unidas, 2024). É neste sentido de se unir a compreensão dos aspectos práticos do conflito aos elementos de teoria dentro das relações internacionais que o presente artigo propôs aportar uma reflexão mais aprofundada a respeito da posição estratégica dos Houthis e seus reflexos no Oriente Médio.

Referências

5 PONTOS para entender a guerra civil do Iêmen. *BBC News Brasil*, Brasília, DF, 10 mar. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43309945>. Acesso em: 30 nov. 2024.

AL-GOIDI, F.; RAHMAN, O. H. *How the Houthis have changed the landscape of regional war*. Catar: Middle East Council on Global Affairs, 29 Aug. 2024. Disponível em: https://mecouncil.org/blog_posts/how-the-houthis-have-changed-the-landscape-of-regional-war/. Acesso em: 4 dez. 2024.

ALVES, B. W.; MACEDO, B. V.; ROAHNY, L. O que é “guerra híbrida”? Notas para o estudo de formas complexas de interferência externa. *Revista*

Brasileira de Estudos de Defesa, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 229-247, jan./jun. 2022. DOI: 10.26792/RBED.v9n1.2022.75282.

BLANCHARD, C. M. Houthi attacks in the red sea: issues for congress. *Congressional Research Service*, 6 Sep. 2024. Disponível: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/IN/IN12301>. Acesso em: 4 dez. 2024.

BLANCHARD, C. M.; BLANCHFIELD, L.; GILL, C. R.; MARGESSON, R.; NELSON, R. M.; Rollins, J. W.; ROSEN, L. W.; SHARP, J. M.; THOMAS, C.; WEED, M. C.; ZANOTTI, J. Israel and Hamas October 2023 Conflict. *Congressional Research Service*, 20 Oct. 2023. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R47754>. Acesso em: 3 dez. 2024.

BULOS, N. What is the Iran-backed ‘Axis of Resistance’ and what does it mean for Israel? *Los Angeles Times*, Los Angeles, 26 Sept. 2024. Disponível em: <https://www.latimes.com/world-nation/story/2024-09-26/axis-of-resistance-explained-iran-israel>. Acesso em: 3 dez. 2024.

BURKE, J. Iran's Axis of resistance is a potent coalition: but a risky strategy. *The Guardian*, 14 Jan. 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2024/jan/14/irans-axis-of-resistance-is-a-potent-coalition-but-a-risky-strategy>. Acesso em: 2 dez. 2024.

CHEAITO, K. Sem cessar-fogo, sem negociação: a atuação do Eixo da Resistência após o 07 de outubro. *GEDES*, 8 mar. 2024. Disponível em: <https://gedes-unesp.org/sem-cessar-fogo-sem-negociacao-a-atuacao-do-eixo-da-resistencia-apos-o-07-de-outubro/>. Acesso em: 2 dez. 2024.

CLAUSEWITZ, C. von. *Da guerra*. Tradução de Maria Teresa Ramos. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

COHEN, S. Como funciona o Eixo da Resistência comandado pelo Irã no Oriente Médio. *GI*, São Paulo, 18 jan. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2024/01/18/como-funciona-o-eixo-da-resistencia-comandado-pelo-ira-no-orient-medio.ghml>. Acesso em: 2 dez. 2024.

CONFLITO no Iêmen poderia provocar disparada nos preços do petróleo, diz presidente da Petrobras.

CCN Brasil, São Paulo, 13 fev. 2024. Disponível: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/pedro-duran/economia/conflito-no-iyemen-poderia-provocar-disparada-dos-precos-do-petroleo-diz-presidente-da-petrobras/>. Acesso em: 3 nov. 2024.

EDWARDS, C. Quem são os Houthis e por que eles atacam navios no Mar Vermelho? *CNN Brasil*, São Paulo, 19 dez. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/quem-sao-os-houthis-e-por-que-eles-atacam-navios-no-mar-vermelho/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

HANSLER, J. Estados Unidos reclassificam Houthis como entidade terrorista. *CNN Brasil*, São Paulo, 17 jan. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/estados-unidos-reclassificam-houthis-como-entidade-terrorista/>. Acesso em: 4 nov. 2024.

JUNEAU, T. Iran's policy towards the Houthis in Yemen: a limited return on a modest investment. *International Affairs*, London, v. 92, n. 3, p. 647-663, 2016.

KALDOR, M. *New and old wars: organized violence in a global era*. 3. ed. Stanford: Stanford University Press, 2012.

KNIGHTS, M. *The Current and Future Houthi Threat to the Middle East*. Washington: Institute For Near East Policy, 30 Dec. 30, 2024. Disponível em: <https://www.washingtoninstitute.org/media/7941>. Acesso em: 3 dez. 2024.

KNIPP, K. Quem são os Houthis do Iêmen que atacam navios no Mar Vermelho. *Deutsche Welle*. 12 jan. 2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/quem-s%C3%A3o-os-houthis-do-i%C3%A4men-que-atacam-navios-no-mar-vermelho/a-67965283>. Acesso em: 15 nov. 2024.

MESQUITA, R. M. Ataques a navios e mudança de rota podem aumentar preço do petróleo. *Agência Brasil*, Brasília, DF, 19 dez. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-12/ataques-navios-e-mudanca-de-rota-podem-aumentar-preco-do-petroleo>. Acesso em: 3 dez. 2024.

NAÇÕES UNIDAS. *Iêmen: a maior crise humanitária do mundo*. Brasília, DF: Unric, [2024]. Disponível em: <https://unric.org/pt/iyemen-a-maior-crise-humanitaria-do-mundo/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

O QUE é o eixo da resistência, aliança que Irã ameaça empregar em conflito no Oriente Médio. *BBC News Brasil*, Brasília, DF, 18 out. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw4dgr9yrpvo>. Acesso em: 15 nov. 2024.

ONDE fica o Iêmen no mapa global. *National Geographic Brasil*, 12 jan. 2024. Disponível: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2024/01/onde-fica-o-iyemen-no-mapa-global>. Acesso em: 3 dez. 2024.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Conselho de Segurança adota resoluções sobre ataques de Houthis no mar vermelho*. Genebra: ONU, jan. 2024. Disponível: <https://news.un.org/pt/story/2024/01/1826057>. Acesso em: 3 nov. 2024.

PROXY WAR. In: CAMBRIDGE DICTIONARY. [2024]. Disponível: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/proxy-war>. Acesso em: 2 dez. 2024.

QUEM são os Houthis e por que foram atacados por EUA e Reino Unido? *BBC News Brasil*, Brasília, DF, 23 jan. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx0vkgq29jno#:~:text=Ap%C3%B3s%20a%20invas%C3%A3o%20do%20Iraque,e%20vit%C3%B3ria%20para%20o%20Isl%C3%A3.%22>. Acesso em: 27 nov. 2024.

SAUDI ARABIA: Designating Houthis as a terrorist group is an 'urgent demand'. *Ajel News*, 17 Jan. 2023. Disponível em: <https://english.ajel.sa/news/saudi-arabia/saudi-arabia-designating-houthis-as-a-terrorist-group-is-an-urgent-demand>. Acesso em: 4 nov. 2024.

SCHAER, C. A crescente importância dos Houthis no eixo da resistência. *Deutsche Welle*, 9 out. 2024. Disponível: <https://www.dw.com/pt-br/a-crescente-import%C3%A2ncia-dos-houthis-no-eixo-da-resist%C3%A4ncia/a-70445946>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SIMÕES, R. O que foi e como terminou a Primavera Árabe. *BBC News Brasil*, Brasília, DF, 20 fev. 2021. Disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55379502>. Acesso em: 30 nov. 2024.

UNITED STATES. Department of State. *Designação terrorista dos Houthis*. United States: Department of State, [2024]. Disponível em: <https://>

www.state.gov/terrorist-designation-of-the-houthis/. Acesso em: 4 nov. 2024.

VIOLANTE, A. R. A teoria do poder marítimo de Mahan: uma análise crítica à luz de autores contemporâneos. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 223-206, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://typeset.io/pdf/a-teoria-do-poder-maritimo-de-mahan-uma-analise-critica-a-dkarlb0akf.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2024.

WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999. v. 2.

YEMEN: Why is the war there getting more violent? *BBC News*, UK, 14 Apr. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-29319423>. Acesso em: 30 nov. 2024.

Recebido em: 17 fev. 2025

Aceito em: 6 jul. 2025

